Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Endometriose ligada à queda de 50% dos nascidos vivos

O fenômeno é observado em mulheres ainda sem o diagnóstico da doença e que tentam dar à luz o primeiro bebê. Cientistas da Finlândia também observam uma associação entre a enfermidade crônica e um número menor de filhos

» ISABELLA ALMEIDA

ROBYN BECK



Segundo especialistas, o diagnóstico da doença demora cerca de sete anos. No estudo, as mulheres descobriram quando tinham, em média, 35 anos

Além de causar dores incapacitantes, a endometriose pode estar ligada a uma redução significativa da fertilidade antes mesmo de ser diagnosticada. É o que mostra uma pesquisa publicada, ontem, na revista *Human Reproduction*. Ao acompanhar mulheres ao longo de décadas, cientistas liderados pelo Hospital Universitário de Helsinque, na Finlândia, identificaram que o número de primeiros nascidos vivos foi a metade entre aquelas que não sabiam que tinham a doença quando comparadas às sem endometriose. Além disso, as voluntárias do primeiro grupo tiveram, de forma geral, menos filhos que as do segundo.

Oskari Heikinheimo, líder do estudo, afirma que as descobertas sugerem que os médicos que acompanham mulheres que têm menstruação dolorosa, dor pélvica crônica e planejam engravidar precisam levar em consideração um possível diagnóstico de endometriose. "Devem discutir com elas os possíveis efeitos na fertilidade (...), e o comprometimento da fertilidade deve ser minimizado oferecendo tratamento relevante para a endometriose sem demora", sugere, em nota.

Os cientistas avaliaram 18.324 mulheres, de 15 e 49 anos, e com o diagnóstico da endometriose entre 1998 e 2012. A equipe comparou esse grupo com 35.793 pacientes de idade semelhante e sem a doença. As voluntárias foram acompanhadas até um dos seguintes acontecimentos: ter um bebê nascido vivo, passar por esterilização, retirada dos ovários ou do útero, ou receber o diagnóstico cirúrgico de endometriose. O tempo médio de acompanhamento antes do diagnóstico cirúrgico foi de 15,2 anos, e a idade média no momento da descoberta da doença, 35 anos.

Aproximadamente 40% das pacientes com endometriose e 66% das sem a condição deram à luz um bebê nascido vivo durante o período de acompanhamento. Ao analisar os dados, os pesquisadores perceberam uma taxa cada vez menor de primeiros nascidos vivos em mulheres com a doença. Além disso, a idade delas na gestação pareceu interferir no processo. Entre as nascidas na década de 1940, a diferença nas taxas de nascidos vivos entre os dois grupos foi de 28%, e essa discrepância aumentou para 87% no período de 1970 a 1979.

Para os cientistas, os resultados, provavelmente, estão associados à idade avançada das mulheres quando tiveram o primeiro bebê, ao diagnóstico cirúrgico precoce da patologia e ao acúmulo de sintomas da doença. O número total de filhos também variou, chegando a uma média de 1,93 entre quem tinha a doença e 2,16 no outro grupo. "O possível efeito da endometriose no número desejado de filhos destaca a importância do diagnóstico precoce e do tratamento da doença", enfatiza Heikinheimo.

BMJ



O possível efeito da endometriose no número desejado de filhos destaca a importância do diagnóstico precoce e do tratamento da doença"

Oskari Heikinheimo, *pesquisador do Hospital Universitário de Helsinque e líder do estudo*

Palavra de especialista

Dificuldades no diagnóstico

"A prevalência exata da endometriose é desconhecida, mas as estimativas variam de 2% a 10% na população feminina em geral e chegam a 50% das mulheres inférteis. Apesar disso, ainda existe uma grande lacuna entre o início dos sintomas e um diagnóstico confiável. Por isso, a enorme importância de continuar estudando essa doença. Embora nem todas as mulheres com endometriose sejam sintomáticas, os principais sintomas estão associados com cólica, dor durante as relações sexuais, na miccão e até mesmo na evacuacão. Pacientes podem se confrontar com a infertilidade, sendo um dos principais problemas. Dessa forma, quando há sintomas semelhantes à endometriose ou quando o diagnóstico é fechado, deve-se avaliar a reserva ovariana e passar por uma consulta com ginecologista especialista em reprodução humana."

Gabriella Ferreira, ginecologista e obstetra, especialista em reprodução humana no Huntington Brasília e no Cuidar + Mulher, do Hospital Santa Lúcia, em Brasília

Pelve inflamada

Segundo Mariana Mendes, ginecologista do Hospital Santa Helena, em Brasília, o primeiro diagnóstico da doença demora cerca de sete anos. "E o acesso a cirurgia para diagnóstico, quando necessário, ainda não é muito difundido", completa. A maior interferência na gestação, aponta Mendes, não é no nascimento, mas na taxa de nascidos vivos. "A pelve inflamada se torna um ambiente muito hostil para o embrião tão sensível inicialmente. A 'casa' dele se encontra toda inabitável, dificultando a aderência na parede do endométrio, além de poder induzir a malformações incompatíveis com a vida", explica a especialista em endometriose.

Marina Almeida, ginecologista, obstetra e coordenadora do serviço de laparoscopia ginecológica de urgência do Grupo Santa, lembra que os efeitos na gestação variam conforme a gravidade da doença. "Se a endometriose tiver componentes uterinos, como a adenomiose — que ocorre quando o tecido endometrial que normalmente reveste o interior do útero cresce na parede muscular dele —, as taxas de descolamento de saco gestacional, sangramento e aborto podem acabar aumentando", afirma.

A médica sublinha a necessidade de fazer consultas de rotina. "A endometriose está diretamente ligada à qualidade de vida da mulher e ao planejamento familiar. O adiamento das condutas adequadas pode ser prejudicial. Sentir dor na relação sexual não é normal, ter cólicas incapacitantes dentro e fora do período menstrual também não", diz.

Mais estudos

Os autores do estudo ponderam que, apesar de a pesquisa englobar um número grande de participantes, há algumas lacunas a serem preenchidas em futuros trabalhos. O ensaio focou apenas na endometriose confirmada cirurgicamente, por exemplo, o que pode ter deixado de fora mulheres com sintomas mais leves submetidas a tratamentos. Também não foi possível descartar o possível efeito dos tratamentos de fertilidade ou para a adenomiose.

O próximo passo do estudo será estudar as taxas de fertilidade após o diagnóstico e o tratamento da endometriose. "Esperamos que a fertilidade das mulheres com endometriose alcance a das mulheres sem a doença após o tratamento cirúrgico", aposta Heikinheimo.

MEIO AMBIENTE

Risco da poluição plástica é crítico em alto-mar

A poluição plástica é cada vez mais uma ameaça à vida marinha, e o cenário parece ser pior em alto-mar, indica um estudo divulgado na edição desta semana da revista *Nature Communications*. O trabalho mostra que 25% de todo o risco de exposição a essas substâncias está distante dos litorais, e que as aves marinhas são amplamente afetadas. Ainda segundo a pesquisa, que contou com a participação de mais de 200 cientistas, o Mediterrâneo é a região do planeta em que esses animais estão mais vulneráveis.

Os pesquisadores fizeram uma extensa avaliação dos movimentos de 7.137 aves de 77 espécies de petrel, um gênero que tem adaptações específicas para a vida no mar. A equipe analisou 1,7 milhão de posições dos animais, registradas por meio de dispositivos de rastreamento remoto, e associou os dados a mapas que forneciam informações sobre a concentração de plástico ao redor do mundo. Dessa forma, foram identificadas as áreas em que as aves estão mais expostas aos resíduos plásticos e quais espécies e populações são mais afetadas.

"Os dados permitem concluir que o risco não se distribui uniformemente, fruto da acumulação de plástico em zonas onde as correntes marítimas e as marés o favorecem", afirma, em nota, Maria Dias, líder do ensaio e cientista da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em Portugal. Segundo ela, as aves marinhas também se distribuem de maneira desigual e com grande variação ao longo do ano, sendo a maioria espécies migratórias capazes de sobrevoar milhares de quilômetros acima do mar. "Quando as duas regiões se sobrepõem, alta concentração de pássaros e plástico, o risco é muito maior", indica.

Paul Donald



Estudo mostra que as aves marinhas, como as espécies de petrel, são significativamente afetadas

Extinção

O artigo ressalta que os petréis e outras espécies de aves marinhas estão ameaçados de extinção por conta de mudanças climáticas, captura e pela presença de espécies invasoras, como camundongos e ratos, em seus locais de reprodução. Os pesquisadores acreditam que a exposição a plásticos pode reduzir a resistência desses animais a esses outros problemas.

Durante a pesquisa, os estudiosos também descobriram que, juntos, o mar Mediterrâneo e o Negro representam mais da metade do risco global de exposição aos plásticos para esses animais. Áreas como o nordeste do Pacífico e o Atlântico Sul também demandam atenção, indicam os autores.

Maria Dias, porém, lembra que se trata de uma questão que demanda respostas globais. "Mesmo espécies com baixo risco de exposição comem plástico. Isso mostra que os níveis de plástico no oceano são um problema para as aves marinhas em todo o mundo, mesmo fora dessas áreas de alta exposição", explica.